

18º Congresso Nacional de Iniciação Científica

TÍTULO: PENSANDO O SUICÍDIO EM UMA ÓTICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL: O SENTIDO DA VIDA

CATEGORIA: CONCLUÍDO

ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

SUBÁREA: Psicologia

INSTITUIÇÃO(ÕES): FACULDADES DE DRACENA

AUTOR(ES): NAIRA FAVARO TOVANI PACHECO

ORIENTADOR(ES): ANDRÉA FRIZO DE CARVALHO BARBOSA

1. RESUMO

Sabe-se que a morte faz parte do desenvolvimento humano desde a sua mais tenra idade e prolonga-se por todo o ciclo vital. Questões existenciais como a transitoriedade da vida, a efemeridade e angústia, são aspectos inerentes ao processo da morte e do morrer, e por isso são temas explicitamente evitados na nossa sociedade. Abordar a temática da morte envolve, por si só, muita complexidade, que aumenta quando uma pessoa se torna intolerante à dor e opta pela morte para se livrar do sofrimento. Assim, o objetivo deste estudo foi ampliar a compreensão sobre o suicídio e os sentimentos experienciados pelo ser-ai que se aproxima da morte como possibilidade desesperada de apropriar-se da vida. Para tal, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema nas bases de dados Scielo, Pepsic, e em livros e periódicos disponíveis na biblioteca física e virtual das Faculdades de Dracena no período de fevereiro a agosto de 2018. Os resultados foram organizados em: o suicídio e a ausência de sentido para a vida, o suicídio na ótica fenomenológica existencial e considerações sobre o acompanhamento psicológico na abordagem existencial fenomenológica. Dentro deste contexto, verificou-se que os motivos que levam alguém ao suicídio formam-se ao longo da sua história e se revelam nos sentidos e modos de ser que constituem a sua existência. Por isso esse fenômeno não escolhe idade, classe social, gênero ou nacionalidade, o suicídio significa, antes de tudo, sofrimento e desespero. E que cabe ao profissional psicólogo entender o que o suicídio significa na psique do seu paciente, e estar pronto para suportar a presença da morte, como um símbolo, em seu atendimento, para então ajudar o paciente a visualizar outras saídas, que não sejam a morte biológica, auxiliando-o na busca de sentido para sua própria existência.

2. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a morte faz parte do desenvolvimento humano desde a sua mais tenra idade e prolonga-se por todo o ciclo vital.

Para Araújo e Vieira (2004) a vida é sempre vista separada da morte, a qual é concebida e vivenciada como um fracasso. Através desta visão, ocorre esquecimento de que a partir do momento em que se nasce, tem-se idade suficiente para morrer, pois a vida e a morte chegam juntas ao mundo. O

ser humano não está preparado para aceitar a imposição de que seu destino é morrer, e prefere acreditar que a morte é o começo de uma nova vida infinita.

Abordar a temática da morte envolve, por si só, muita complexidade. A morte passou a ocupar uma posição básica na existência da humanidade, o homem é o único ser vivo que pensa a sua existência, conseqüentemente, na sua morte. A morte é parte de um ciclo natural, sempre acompanhou as civilizações desde seu início e segue o homem desde seu nascimento, e cada cultura cria a sua própria maneira de agir acerca da morte, criando rituais, dogmas e crenças singulares (GUANDALINI, 2010).

Segundo Silva, Alves e Couto (2015), a morte como alternativa revela a vida que se vive. A realidade da vida, muitas vezes, pode ser tão frustrante que muitas pessoas se tornam intolerantes à dor, conduzindo-se, frequentemente, a optar pela morte e assim, se livrar do sofrimento. No suicídio a morte vem em decorrência de uma doença, a qual com todos os avanços da medicina não se conseguiu controlar, isto é, fez-se o possível para a manutenção da vida. Nesse caso, a pessoa busca a sua própria morte, ou seja, a morte é percebida como uma escolha perante as questões da vida:

O ato suicida priva o ser de ser-para-morte em seu curso natural. Ocorre quando o ser, em sua situacionalidade, vê uma única possibilidade: a de não-poder-ser e, assim, busca como alternativa o não ser-mais-ser-aí, o que põe fim à angústia diante de uma existência sem sentido, aos seus olhos (SAMPAIO; BOEMER, 2000, p. 328).

Para que se possa ter um compromisso com a vida é preciso, anteriormente, descobrir qual o sentido dela. Segundo Dutra (2000 apud ROCHA, BORIS; MOREIRA, 2012), a falta de sentido da vida pode ser um significativo componente na tomada de uma decisão violenta de se matar.

Silva, Alves e Couto (2015) afirmam que o suicídio é um fenômeno observado desde a antiguidade, prevalecendo até a atualidade. A cada 40 segundos uma pessoa comete suicídio no mundo. Feijoo (2018) descreve que 800.000 pessoas se suicidam anualmente, e que o suicídio é a segunda maior causa de morte entre pessoas de 15 e 29 anos de idade. Em escala global morrem mais pessoas vítimas do suicídio do que a soma das que morrem vítimas de homicídios e de guerras.

Segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria (2014), o Brasil é o oitavo país em números absolutos de suicídio, registrando em 2012 um total de 11.821 mortes, com aproximadamente 30 mortes por dia. Vasconcelos-Raposoet al (2016, apud FEIJOO,2018) afirmam que o suicídio é um problema de saúde pública, por se encontrar entre as dez primeiras causas de morte no mundo, e ocupa o terceiro lugar na faixa etária entre 15 e 35 anos.

Segundo Camargo (2007, apud SENA; FRANCO, 2017) seguindo os dados apresentados pela Organização Mundial da Saúde, em 2020 poder-se-á alcançar a marca de 1,53 milhão de suicídios.

3. OBJETIVO

O objetivo deste estudo foi ampliar a compreensão sobre o suicídio e os sentimentos experienciados pelo ser-ai que se aproxima da morte como possibilidade desesperada de apropriar-se da vida.

4. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o temas bases de dados Scielo, Pepsic, e em livros e periódicos disponíveis na biblioteca física e virtual das Faculdades de Dracena no período de fevereiro a agosto de 2018.

5. DESENVOLVIMENTO

Após a seleção dos livros e artigos, da leitura e fichamento, foi realizada a organização deste estudo em três temas: o suicídio e a ausência de sentido para a vida, o suicídio na ótica fenomenológica existencial e considerações sobre o acompanhamento psicológico na abordagem existencial fenomenológica.

6. RESULTADOS

6.1. O SUICÍDIO E A AUSÊNCIA DE SENTIDO PARA A VIDA

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o suicídio vitima cerca de um milhão de pessoas no mundo por ano. Para a OMS, a violência autodirigida se manifesta de duas formas: no comportamento suicida (por meio de pensamentos, tentativa e pelo suicídio consumado) e por meio de atos violentos provocados contra a própria pessoa, como é o caso das mutilações (MINAYO E CAVALCANTE, 2010, p. 751).

Werlang, Borges e Fensterseifer (2005, apud FONSECA; LOBO, 2015) afirmam que frequentemente o comportamento suicida é classificado em três categorias: ideação suicida, tentativa e a consumação, tendo nas extremidades ideação e suicídio consumado, e que embora haja poucos dados, alguns estudos clínicos e epidemiológicos sugerem a existência dessa intencionalidade, ou a severidade entre estas categorias.

A compreensão de ideações suicidas pode ser obtida ao identificar na experiência da pessoa ações suicidas que não atingem o seu propósito, sendo assim nomeadas de “tentativa de suicídio”. Assim, são consideradas ideações suicidas qualquer ação autodirigida, empreendida pela própria pessoa e que conduzirá à morte, caso não seja interrompida (FONSECA, LOBO, 2015).

Para Borges e Werlang (2006, apud FONSECA; LOBO, 2015) a ideação suicida se refere ao pensamento, ideia suicida que engloba desejos, atitudes ou planos que o indivíduo tenha de se matar, ela também é vista como um predito para o suicídio, podendo ser o primeiro passo para sua concretização.

Quando o estudo é voltado para as tentativas do suicídio, fica mais complicado notar o seu real número, uma vez que os índices de suicídio não incluem os números de tentativas (SENA, FRANCO, 2017). A tentativa representa uma situação em que o indivíduo executa um ato que pode ameaçar a vida, com a intenção de morrer, podendo significar um pedido de ajuda, que pode ser interrompido e evitado pela ação de outras pessoas que podem impedir a morte (RIBEIRO, 2016).

Conforme Kovacs (2013) o suicídio não é considerado crime, mas ainda é visto como transgressão religiosa e social. Do ponto de vista da medicina o suicídio é associado à doença psíquica, pois a mesma pessoa que deseja morrer provoca a própria morte.

Segundo Rocha, Boris e Moreira (2012) a falta de habilidades para lidar com a dor e o sofrimento parece colocar as pessoas diante de uma possibilidade quase inevitável de querer resolver seus problemas, eliminando-os consigo mesmas através de sua própria morte. Assim, a experiência suicida é caracterizada como uma vivência de aniquilamento existencial.

O motivo ou motivos que levam alguém ao suicídio formam-se ao longo da sua história e se revelam nos sentidos e modos de ser que constituem a sua existência. Por isso esse fenômeno não escolhe idade, classe social, gênero ou

nacionalidade, o suicídio significa, antes de tudo, sofrimento e desespero (DUTRA, 2011).

Segundo Silva, Alves e Couto (2015) o sentido da vida é a força capaz de levar o ser humano a horizontes sequer alcançáveis pela razão. Para que se possa ter um compromisso com a vida é preciso, anteriormente, descobrir qual o sentido dela.

6.2. O SUICÍDIO NA ÓTICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Para Dutra (2011), não causa estranheza se constatar a busca incessante do ser humano pela explicação do seu viver e do seu morrer. A finitude é uma das questões mais significativas e presentes nas correntes existencialistas e, talvez seja esta a razão da busca dos motivos e a explicação para o desejo de não mais viver.

A fenomenologia como método investigativo da experiência humana foi proposta por Edmund Husserl, o termo fenomenologia tem origem em duas palavras de raiz grega: phainomenon e logos, que juntas significam: aquilo que se mostra a partir de si mesmo, portanto fenomenologia é o estudo do fenômeno, sendo que por fenômeno compreende-se o que se manifesta ou se revela por si mesmo (FUJISAKA 2014 apud GOMES; SOUSA 2017).

Silva, Alves e Couto (2015) referenciam-se ao método fenomenológico como fundamental na compreensão do suicídio, uma vez que, de acordo com Rocha, Boris e Moreira (2012), ao se buscar compreender esse fenômeno é adequado tomar como ponto inicial aepochédos conhecimentos que temos a priori do mundo.

Para Silva, Alves e Couto (2015) o referencial teórico fenomenológico busca compreender o fenômeno do suicídio pela vertente de possibilidades que o homem tem de se livrar do desespero existencial em que se encontra. Desespero esse que se manifesta por meio da angústia, do tédio existencial, da solidão, da falta de um projeto de vida e da perda de sentido da vida, porém, é preciso considerar esse fenômeno de forma contextualizada e sem cair em generalização, tendo em vista que cada pessoa possui o seu próprio projeto de vida, o qual demarca a singularidade do sentido da vida.

O suicídio, segundo Dutra (2011), seria a incapacidade de enxergar uma existência na qual o outro se institua de um jeito novo, distinto daquele que o

absorveu, ou seja, a descrença de que a vida possa ser vivida de outra maneira, com um sentido próprio, o que significaria uma recusa em continuar sendo como antes, uma forma desesperada de se apropriar da vida, do seu ser, ainda que seja eliminando-a, o que não deixa de ser um modo de assumir o seu destino, como um ser-para-a morte.

Cassorla (1998, apud ROCHA, BORIS; MOREIRA, 2012) entende que o suicida deseja viver e morrer ao mesmo tempo, o que representa que uma tentativa de suicídio na vida de uma pessoa só pode ser compreendida a partir da experiência que foi vivida. A experiência suicida produz um impacto muito grande, tanto sobre a pessoa que o tenta, quanto sobre seus familiares, mas tal ação ocorre devido a uma despotencialização frente à vida sem significado, fazendo com que a morte pareça à opção mais viável para resolver os problemas.

Segundo Angerami (2017) a pessoa que recorre ao suicídio, na maioria das vezes não tem o conceito de morte, em suas atitudes busca um possível paraíso, uma maneira de resolver conflitos internos bem como o emaranhado de sofrimento em que a sua existência se encontra, a morte surge como sequência e não busca deliberada.

6.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO NA ABORDAGEM EXISTENCIAL FENOMENOLÓGICA

Segundo Fukumitsu (2013, apud CERQUEIRA; LIMA, 2015, p.455) “[...] não é possível salvar. Porém, carrego a crença de que posso me colocar a serviço de cuidar de meu semelhante. ”

A morte por suicídio desafia a compreensão humana, ela carrega um alto grau de estigma social, e é vista como uma morte desnecessária que põe em destaque o questionamento entre continuar ou desistir da vida.

A questão dos cuidados psicológicos é fundamental quando se trata do suicídio. Abordar esse tema requer muito cuidado e leva o psicólogo clínico constantemente a pensar no seu papel como profissional (SENA; FRANCO, 2017).

Para Zana e Kovacs (2013) o atendimento psicológico a pacientes com ideação ou tentativa de suicídio levanta questionamentos em relação a aspectos éticos notadamente no que se refere à questão do sigilo:

No Código de Ética, os artigos 6º, 9º e 10º apontam que o sigilo profissional tem por finalidade proteger a pessoa atendida, e, no caso do Psicólogo, significa manter sob proteção as informações e fatos conhecidos por meio da relação profissional. Todo Psicólogo, em seu exercício profissional, está obrigado ao sigilo, sendo este um dos pontos fundamentais sobre os quais se assenta o trabalho profissional (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO, 2006 apud ZANA; KOVACS, 2013, p.897-921).

Diante das orientações do Código de Ética, percebe-se que restam muitas dúvidas sobre como agir. Fukumitsu (2005, apud ZANA; KOVACS, 2013) considera que, quando há potencial de suicídio, é importante não deixar o paciente sozinho, este precisa ser acompanhado no dia-a-dia. É importante ampliar o sistema de apoio, procurando ajudar a família na compreensão de que a pessoa que tenta ou comete suicídio pode não desejar a morte, e sim viver de outra maneira. Quando se considera haver risco para suicídio, o Psicólogo pode, com consentimento do cliente, informar a família. Porém, é importante destacar que a quebra do sigilo nestes casos é um direito, não um dever.

A terapia tem o papel de ajudar o outro a perceber-se através do autoconhecimento, é uma maneira de auxiliar no desenvolvimento da capacidade de se conhecer no aqui-agora. É importante estar com o cliente para ajudá-lo a dar conta de si mesmo, para que então ele possa tornar-se ciente de que apenas ele é o autor de sua própria vida, sendo o detentor do poder de realizar escolhas. Essa capacidade de decidir o que fazer e o que será melhor para si, inclui a decisão de viver ou morrer, o terapeuta torna-se um auxiliador incentivador na descoberta de como utilizar suas potencialidades a fim de atingir uma vida mais autêntica, ao invés de tentar impor algo que não o pertence. Está tomada de consciência por parte do cliente faz com que o mesmo perceba que apenas ele é o responsável pelas escolhas de como lidar com sua vida (CERQUEIRA; LIMA, 2015).

Hillman (2011, apud SENA; FRANCO, 2017) sinaliza que o suicídio não deve ser visto apenas como uma saída da vida, e sim, como uma entrada na alma e uma entrada na morte. Nessa perspectiva, o psicólogo deve observar a simbologia que envolve o suicídio, uma vez que para cada pessoa há um simbolismo diferente.

Segundo Sena e Franco (2017) não há como esquivar-se da morte em seu atendimento, e isto pode causar no psicólogo certa angústia. Hillman (2011, apud SENA; FRANCO, 2017) afirma que quando o psicólogo se identifica

com o ideal salvacionista, ele nega a genuidade da perspectiva suicida. Não cabe ao profissional ser pró ou contra o suicídio, o profissional precisa entender o que o suicídio significa na psique do seu paciente, e estar pronto para suportar a presença da morte, como um símbolo, em seu atendimento. O psicólogo ajudará o paciente a visualizar outras saídas, que não sejam a morte biológica. Ao encarar a morte, no processo de psicoterapia, ele estará encarando também sua vida, seus paradigmas, sua rotina, seus valores, sonhos e ideais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno suicídio é uma situação vivenciada por uma pessoa que, em determinada condição existencial, não vê alternativa para continuar sendo. Rocha, Boris e Moreira (2012) refere que o suicídio parece, num primeiro momento, algo absurdo, sem qualquer possibilidade racional de compreensão. A falta de habilidade para lidar com a dor e o sofrimento parece colocar as pessoas diante de uma possibilidade quase inevitável de querer resolver seus problemas com a própria morte. Uma tentativa de suicídio coloca a pessoa diante de um problema existencial significativo. Ela tem de responder a si mesma qual o valor que a vida tem para ela.

Diante de barreiras tão intransponíveis, onde o paciente idealiza a morte como refúgio e alívio da dor, torna-se necessário refletir e compreender que o fenômeno suicídio não pode ser tratado de maneira simplista e óbvia, pois não se trata apenas de um desejo pela morte. Os atos suicidas, as tentativas de suicídio e os comportamentos autodestrutivos, carregam a história de uma pessoa, o contexto de vida e suas experiências num determinado momento, exigindo do terapeuta uma suspensão de todo estigma envolto à morte, para então poder aproximar-se deste ser que sofre para ajudá-lo no redimensionamento de sua vida.

Assim, cabe ao psicólogo, na abordagem existencial fenomenológica, que deseja estar com este cliente, se dispor a conhecer o mundo dele e a estar junto no mesmo mundo, e com empatia e amorosidade, caminhar lado a lado, auxiliando-o na busca de sentido para sua própria existência.

8. FONTES CONSULTADAS

ANGERAMI, Valdemar Augusto. **Suicídio: Uma alternativa á vida fragmentos de psicoterapia existencial.** Belo Horizonte:Editora Artesã, 2017.

ARAUJO, Paula Vanessa Rodrigues de; VIEIRA, Maria Jésia. A questão da morte e do morrer. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 3,2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Suicídio: informando para prevenir .** Brasília: CFM/ABP, 2014.

CERQUEIRA, Yohanna Shneideider; LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. Suicídio: a prática do psicólogo e os principais fatores de risco e de proteção. **Revista IGT na Rede.**Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 444 – 458, 2015.

DUTRA, Elza. Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: algumas considerações. **Revista da Abordagem Gestáltica**,São Paulo, v.17, n. 2,p.152-157, jul./dez. 2011.

FONSECA, EminyFrancineia Martins; LOBO, Warllington Luz. Tentativa de suicídio: reflexões em base a clínica centrada na pessoa. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 7, n. 2, p. 152-165, dez. 2015.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo d. Por um Núcleo de Atendimento Clínico a Pessoas em Risco de Suicídio.**Revista da Abordagem Gestáltica**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p.173-181, maio/ago. 2018.

GOMES, Daniele Moreira; SOUSA, Airle Miranda. A morte sob o olhar fenomenológico: uma revisão integrativa. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 9, n. 3, p. 164-176,2017.

GUANDALINI, Felipe Correa. **As Transformações do Homem com a morte.** 2010. 00f. Monografia (Especialização em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2010.

KOVACS, Maria Julia. Revisão crítica sobre conflitos éticos envolvidos na situação de suicídio. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 15, n. 3,p. 69-82, set./dez. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; CAVALCANTE, Fátima Gonçalves. Suicídio entre pessoas idosas: revisão da literatura. **Rev. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 4, p. 750-7, 2010.

RIBEIRO, Danilo Bertasso. **Cotidiano de familiares de indivíduos com comportamento suicida: perspectivas da sociologia fenomenológica de Alfred**

Schutz. 2016. 00f. Monografia (Especializa em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul Escola de Enfermagem, Porto Alegre, 2016.

ROCHA, Marcio Arthoni Souto da; BORIS, Georges Daniel JanjaBloc; MOREIRA, Virginia. A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. **Rev. abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 69-78, jun. 2012.

SAMPAIO, Mauren Alexandra; BOEMER, Magali Roseira. Suicídio: um ensaio em busca de um des-velamento do tema. **Rev.Esc.Enf.USP**, São Paulo, v.34, n.4, p. 325-31, dez. 2000

SENA, Táina Santos de; FRANCO, Aicil, O SUICÍDIO NO ATENDIMENTO CLÍNICO JUNGUIANO. **Revista psicologia Diversidade e Saúde**,Bahia, v.6., n .3.,2017.

SILVA, Karina de Fátima Aparecida da; ALVES, Mariany Aparecida; COUTO, Daniela Paula do. Suicídio: uma escolha existencial frente ao desespero humano. 2015. **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, jul. /dez. 2016.

ZANA, Augusta Rodrigues de Oliveira; KOVACS, Maria Julia. O Psicólogo e o atendimento a pacientes com ideação ou tentativa de suicídio. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 897-92, 2013,